

Ser professora do ensino superior durante a pandemia: entre sombras e sóis

Being a higher education teacher during the pandemic: between shadows and suns

Tatiana Galieta

412

Resumo: Neste trabalho relato experiências vivenciadas em minhas atividades de pesquisa, ensino e extensão durante a pandemia da Covid-19. Inspirando-me no gênero textual biografia narrativa entrelaço meu percurso de professora do ensino superior às ações tomadas por minha instituição no decorrer de três períodos acadêmicos emergenciais. Um período de sombras que parece ter sinalizado a possibilidade de reencontro com sóis outros que trouxe outros significados para minha docência.

Palavras-chave: Ensino remoto; Biografia; Educação pública.

Abstract: In this work I report experiences lived in my research, teaching and extension activities during the Covid-19 pandemic. Inspired by the textual genre narrative biography, I intertwine my career as a higher education teacher with the actions taken by my institution during three emergency academic periods. A period of shadows that seems to have signaled the possibility of reuniting with other suns that brought other meanings to my teaching.

Keywords: Remote learning; Biography; Public education.

Meu ponto de partida

Escrever durante a pandemia do Covid-19 tem sido muito difícil. São tempos sombrios em que faltam concentração e estímulo. Por isso não sei se conseguirei chegar ao final, ou melhor, a alguma conclusão neste texto. Assumo como mais um desafio enfrentado neste período.

Apresento-me brevemente. Tenho 44 anos de idade, 21 anos de magistério (sou professora de Biologia), sendo os últimos nove anos exercidos na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pesquiso na área de Educação em Ciências e atuo no curso de licenciatura em Ciências Biológicas da Faculdade de Formação de Professores (FFP). Estamos nos encaminhando para o fim do terceiro Período Acadêmico Emergencial (PAE).

Parto de um contexto macro. Temos trabalhado sem qualquer perspectiva de retorno seguro à sala de aula. Aqui no município do Rio de Janeiro acaba de sair um calendário (hoje, dia 16 de abril) de vacinação para professores da educação básica para pessoas com até 50 anos. Muito depois



das aulas presenciais terem sido liberadas. Isso significa que vários dos meus colegas que trabalham em escolas estão expostos à contaminação pelo SARS-Cov-2. Eles sempre são o elo mais frágil. Quando ficamos sem salários durante meses em 2017, no estado do RJ, esses meus colegas foram profundamente afetados. Lembro-me de uma professora idosa, aposentada, que se encontrava conosco nas manifestações. Ela levava suas receitas médicas dizendo que não tinha dinheiro suficiente para comprar os remédios. Por que estou rememorando esse episódio triste da educação fluminense? Para lembrar que as opressões que a classe sofre não são de hoje, assim como não são sofridas igualmente. Apesar disso (e por isso), neste momento de pandemia estamos expostos a novas e específicas formas de exploração.

Daqui para frente falarei como professora universitária, mas sempre reconhecendo que minha/nossa realidade no ensino superior possui dificuldades outras que nossos colegas dos ensinos fundamental e médio.

“Ninguém fica para trás”

Na UERJ ficamos “em suspenso” nas atividades de ensino na graduação aproximadamente cinco meses. Pode parecer redundante dizer que um(a) professor(a) universitário(a) tem outras funções além de ministrar aulas. Fazemos pesquisa, o que significa que somos responsáveis pelos nossos próprios projetos e os de nossos orientandos de graduação e pós-graduação. Participamos de bancas de avaliação de trabalhos de conclusão de graduação, mestrado e doutorado (isso significa destinar tempo às leituras de monografias, dissertações e teses, que antecede o momento da banca propriamente dita). Também atuamos na extensão, ou seja, coordenamos projetos que divulgam os resultados das pesquisas junto à população em geral. Todas essas atividades não pararam. Além delas, alguns de nós (não poucos!) ocupamos cargos administrativos. Estamos na direção de centros, faculdades, colegiados de graduação e pós-graduação, chefias de departamento, coordenação de cursos, comissões especiais, conselhos universitários, entre outros. Ou seja, não trabalhamos pouco e durante a pandemia esse trabalho invisível aumentou.



Uma pesquisa entre os docentes da UERJ feita pelo sindicato (ASDUERJ, 2021) mostrou que a carga horária média diária de trabalho durante o período de Ensino Remoto Especial (ERE) de 44,7% dos/das docentes foi “entre 9 e 12 horas” e de 14% foi “mais de 12 horas”. Outro dado revelou que 71,6% teve aumento da sua carga horária de trabalho na pandemia. Em outra questão fica evidente a sensação de sobrecarga: “Quando perguntados com qual frequência o/a docente tem a impressão de que o tempo não é suficiente para cumprir todas as demandas cotidianas do exercício docente, as respostas foram as seguintes: 42,4% responderam ter essa impressão ‘Sempre’” e “31,3% ‘Frequentemente’” (ASDUERJ, 2021, p. 13). Divido, portanto, com meus colegas um profundo cansaço derivado dessa intensa jornada de trabalho que temos assumido em nossas casas.

No ERE tivemos que replanejar todas as disciplinas. Afinal, não há como simplesmente adaptar um plano de ensino de uma disciplina presencial para uma plataforma virtual. Tivemos que fazer isso, infelizmente, de uma maneira quase intuitiva, sem formação adequada, já que a maioria de nós não possuía experiência em Educação a Distância (EaD). Eu, apesar já ter trabalhado em um curso com EaD, não me sentia preparada para fazer de uma disciplina – inicialmente pensada para um curso presencial – 100% remota. Na Biologia temos especificidades como as disciplinas práticas realizadas em laboratório. Outras tantas da área de Ensino com carga horária prática. E, como um curso de licenciatura, também tem estágios supervisionados. Tais atividades curriculares foram profundamente afetadas e, com isso, tivemos que discutir (em quase infinitas reuniões de departamento, equipes e subequipes) as maneiras viáveis de oferta das disciplinas. Quer dizer, antes mesmo de iniciar as aulas remotas em si tivemos um período de intenso estudo, planejamento, pesquisa, adaptação e trabalho.

Tendo feito esse apanhado geral dos encaminhamentos em minha instituição passo a fazer uma breve reflexão sobre o meu trabalho docente, considerando as dificuldades que enfrentei (pessoal e profissionalmente), as soluções que encontrei para algumas delas, as novas formas de organização



de minhas atividades, compartilhando os sentimentos experimentados ao longo dos (até aqui) 19 meses de isolamento social.

Minha maior preocupação desde o início era com meus alunos, sobretudo com o bem-estar deles. Por sermos de uma unidade externa que fica localizada em um município periférico (São Gonçalo) conheço as condições financeiras limitadas da maioria dos estudantes da FFP-UERJ. Eu já imaginava que os efeitos da pandemia seriam sentidos por eles de uma forma direta e cruel, ou seja, nos rendimentos da família. Certamente que isso colocaria parte deles em risco não apenas alimentar, mas também de exposição ao vírus já que vários teriam (tiveram) que sair de suas casas em busca de dinheiro. Outra enorme preocupação era relacionada à saúde emocional deles. Como já escrevi, não tínhamos a menor ideia do que aconteceria dali para frente, quando voltaríamos à universidade. Isso significava permanecer em casa, conviver com os familiares de forma intensa, conviver com nós mesmos. Por fim, a última preocupação tinha a ver com as próprias condições de estudo em um ensino remoto que vinha se mostrando quase como inevitável. Muitos de nós professores resistimos à ideia, bem como vários estudantes (Figura 1).

Figura 1: Fotos de cartazes e faixas fixados nas grades que cercam o campus Maracanã da UERJ em ato contra a implementação do ensino remoto na universidade.



Fonte: Repórter Popular (29/07/2020). <http://reporterpopular.com.br/uerj-ato-simbolico-protesta-contr-a-implementacao-do-ensino-remoto/>. Acesso em 17 out. 2021.

Porém, chegou a um ponto que não havia mais o que questionar. Era ter algum tipo de contato com os estudantes ou ter nenhum. Pessoalmente, considero que nossa instituição não conseguiu suprir as demandas dos

estudantes mais vulneráveis. O “ninguém fica pra trás” foi uma falácia. Vários ficaram pelo caminho, trancaram suas matrículas, abandonaram seus cursos. Para a UERJ, em especial, isso significa uma mancha em sua história de inclusão e justiça racial-social. Sabíamos, desde o início, que os estudantes cotistas precisariam de atenção especial. Foram distribuídos chips (*SIM cards*) para acesso à Internet e aparelhos (*tablets*). Porém, isso se deu com atraso e lentidão. Sim, alguns ficaram para trás. E era exatamente isso que esperávamos e temíamos (nós, os que conseguimos fazer uma análise de conjuntura – no meu caso aprendida a duras penas no pior período da história da UERJ). Quem tem a geladeira vazia prioriza ter o que comer, e não um diploma do ensino superior.

Dei essa volta toda para contextualizar minha primeira ação: a participação em um grupo de trabalho (GT) que levantou as condições (materiais/financeiras, físicas, psicológicas, de saúde, convivência e estudo) dos estudantes do nosso curso. O GT tinha professores e representantes do Centro Acadêmico Chico Mendes (CABio) e elaborou um questionário (formulário *Google*) que foi divulgado e respondido por 68% dos estudantes com matrículas ativas. Os resultados foram apresentados ao corpo discente em uma *live* pelo Instagram do CABio¹ e discutidos no departamento. Esta foi a primeira *live* que participei na pandemia (junto com Isabelle) e, pensando agora, isso diz muito sobre o diálogo (no sentido Freireano; FREIRE, 1987) que tenho buscado estabelecer na minha ação educativa. Os resultados foram encaminhados às instâncias superiores e vários outros departamentos da FFP utilizaram nosso questionário em seus respectivos cursos. Uma de nossas principais preocupações, inclusive de desdobramento, consistia na manutenção de todas as bolsas estudantis. Posteriormente, a UERJ efetuou o pagamento de uma bolsa de permanência extra aos cotistas.

¹ A *live* do dia 15 maio de 2020 está disponível em: https://www.instagram.com/tv/CAOPcT6DOYh/?utm_source=ig_web_copy_link.



O PAE1

O primeiro PAE começou em setembro de 2020. O número de disciplinas ofertadas foi reduzido, o que era extremamente importante porque ainda estávamos nos familiarizando com a plataforma (Ambiente Virtual de Aprendizagem da UERJ, AVA-UERJ) e ela mesma possuía limitações (por exemplo, número de salas e de videoconferências simultâneas). Além disso, existia a necessidade de conferirmos o que funcionaria na prática, como seria o ensino remoto de fato. Outra preocupação era com o acesso dos estudantes. Um número alto (ou similar) de disciplinas significaria que eles gastariam dados da Internet nos encontros síncronos. Nesse sentido, houve também uma limitação com relação aos percentuais de aulas destinados às atividades síncronas e assíncronas. Eu e minhas colegas, Amanda Lima e Francine Pinhão, ficamos responsáveis por planejar e oferecer “Laboratório de Ensino I” (LabI); uma disciplina obrigatória de primeiro período. Abro aqui um parêntese para falar sobre essas minhas amigas. Elas e Geovana (a monitora de LabI) foram minha base durante o PAE1. Fizemos um trabalho real de equipe. Ninguém era protagonista. Nós quatro tínhamos total liberdade para opinar e executar toda e qualquer coisa. Geo foi uma monitora atenciosa e solidária (aos colegas e conosco). Estivemos juntas em encontros síncronos, cada uma sendo responsável por um número de avaliações e observamos, ao final, que não houve discrepância entre elas. No entanto, as escassas interações com os estudantes do início ao meio do período nos incomodavam. Eram calouros que mal conheciam a universidade, concreta e fisicamente. Falavam muito pouco, câmeras fechadas. Dois ou três deles conversavam com a gente. Notamos nas últimas duas aulas uma maior participação e achamos que esse efeito tardio se deu devido aos encontros síncronos diluídos ao longo do semestre. Sem dúvidas, um dos maiores aprendizados no ERE que tive foi essa experiência coletiva de docência. Lume que se acendia e trazia calor e conforto quando estávamos juntas. De LabI resultou um capítulo de livro.

O intervalo entre o PAE1 e o PAE2 foi de dois meses. Pessoalmente considero que as avaliações da Pró-reitoria de Graduação (PR1) ficaram aquém do que foi levantado como preocupações e problemas pelo



departamento e pela unidade. Além de questões técnicas (como acesso ao AVA, trancamento de disciplinas e de curso), as discussões pedagógicas não se concretizaram em ações que fizessem o segundo período ser “menos sofrível” para todos.

O PAE2

No PAE2 foram seguidas novas orientações. Poderíamos oferecer um número maior de disciplinas e também ter mais encontros síncronos. Os estágios supervisionados seriam oferecidos. Uma decisão difícil. Eu e Francine ficamos responsáveis por duas disciplinas: “Introdução ao Pensamento Biológico” (IPB) e “Ciência, Tecnologia e Sociedade” (CTS). Amanda, ainda na coordenação de curso, estaria na equipe do Estágio até entrar em licença maternidade de nosso pequeno presente Maya. Conversamos e decidimos, cada uma, estar à frente de uma das disciplinas. Fran de IPB e eu de CTS. Como chegamos ao final do PAE1 esgotadas (eram avaliações semanais, um grande volume de textos e audiovisuais) achamos que essa seria a melhor forma de otimizar o trabalho e de preservar nossa saúde. Eu e Fran (cada qual em seu momento) passamos por nossos altos e baixos. Não falarei por minha amiga, mas sei que eu tive crises de ansiedade. O medo da morte se apresentou como algo cotidiano. E ela chegou. Números que não eram apenas de uma curva ilustrativa no telejornal. Medo de perder meu pai e minha mãe. De não poder consolar uma amiga que perdeu um(a) dos seus. Eu tive a enorme sorte de ter um grupo de amigos presentes (mesmo que pelo *WhatsApp*). Com eles dividi a dor de um término de relacionamento, da morte de meu primeiro gato e a angústia frequente de quem pôde estar isolada. A decisão de fazer no PAE2 algo um pouco mais individual foi por opção de preservação do resquício de sanidade mental que tínhamos, pois estar em duas disciplinas seria por demais desgastante.

Nesse PAE2, além da disciplina de CTS, iniciei um novo curso de extensão. Antes de falar dele, comentarei sobre o anterior que ocorreu em 2020. Eu coordeno um projeto de extensão há sete anos, cuja principal ação consiste na oferta de um curso de formação continuada de professores de



Ciências e Biologia. Em 2019, fizemos as oficinas do curso em escolas de educação básica. Foi incrível! A equipe sentia que havia acertado o formato ideal. Mas... Veio a pandemia. Eu cheguei a cogitar o encerramento do projeto. Estávamos sem bolsa de extensão. Só tínhamos a nós. Clara Freitas, Sára Melo, Thiago Ribeiro e eu. Um dia conversei com eles em nosso grupo do *WhatsApp* sobre fazermos as oficinas virtualmente convidando profissionais de instituições de todo o Brasil. Era a chance que tínhamos de estar com colegas distantes. Conversamos muito e chegamos a um formato, aos temas e convidados. Vivian Nogueira se juntou a nós e organizou toda a infra para a execução. Resultado: duas edições do curso “Diálogos entre Biologia e Educação no cenário pandêmico”, 12 oficinas (transmitidas pelo Canal Liquens UERJ no YouTube²), com 1.009 certificados emitidos para professores em formação (inicial e continuada) de todo o Brasil. Ainda tivemos como produto um livro organizado que foi lançado pela Livraria da Física. Temos nele um capítulo no qual apresentamos os dados das duas edições virtuais do curso. Em outubro de 2021 estamos oferecendo a terceira edição virtual do curso com mais seis oficinas transmitida ao vivo. Tivemos 807 inscritos e estamos deixando os formulários de presença abertos por uma semana porque entendemos que os professores retornaram ao trabalho presencial e têm seus horários ainda mais apertados. Sinceramente, não esperava esse sucesso do curso. O retorno que tivemos dos participantes nos mostrou o quanto valeu o esforço, a dedicação dessa equipe.

Ano que vem eu gostaria demais de retornar às escolas, mas ainda não sabemos como serão as medidas sanitárias adotadas nas instituições. No entanto, mostra-se importante a manutenção das atividades remotas já que muitos professores nos disseram que estão em áreas isoladas das capitais onde não conseguem ter acesso a cursos de atualização oferecidos por universidades. A pandemia do Covid-19 trouxe à tona mais essa disparidade do cotidiano de docentes que trabalham nas redes públicas afastadas dos grandes centros. Poder conhecer essa realidade brasileira foi um imenso aprendizado derivado desse projeto de extensão. Ter conseguido alcançar

² As oficinas estão disponíveis em: https://www.youtube.com/channel/UCxcqz1TdG7_G7KiprJI3TA.



peças tão diversas e particulares foi um presente que tive em meio a tanta tristeza. No final das contas, o projeto que estava meio sem rumo, foi renovado a partir de um intenso processo de avaliação e reavaliação feito pela equipe. Ele foi muito bem avaliado pelo Departamento de Extensão e o reconhecimento do nosso trabalho resultou no agraciamento de uma bolsa (agora contamos com a Yasmin Travassos).

No PAE2 decidi focar na realização de outro curso (“Introdução à Educação CTS”), o qual se encontra vinculado ao meu projeto de pesquisa. Como estava responsável pela disciplina CTS na graduação, optei por organizar aulas abertas e conjuntas dessa disciplina e do curso. Fiz o convite a professores(as) e pesquisadores(as) do campo CTS para discutirmos sobre diferentes temas relacionados à ciência, à tecnologia e ao ensino de Ciências. Ao total foram oito aulas abertas transmitidas pelo YouTube. Com relação ao curso de extensão, 16 professoras e professores da educação básica de diversos estados brasileiros concluíram e foram certificados. Eles(as) se dedicaram à leitura prévia dos textos e participaram das aulas que aconteciam às segundas-feiras. As aulas da graduação ocorriam às terças. Porém, como expus anteriormente, algumas delas juntaram os dois grupos. Acho que esses momentos foram de grande proveito para todos, dentro do que cada um conseguiu aproveitar. Tanto os docentes em formação continuada quanto os licenciandos produziram sequências didáticas com enfoque CTS como trabalhos finais. Os resultados parciais dessas experiências foram apresentadas no IX Simpósio Nacional de Ciência, Tecnologia e Sociedade (o Esocite.BR) em outubro de 2021.

Entre o PAE 2 e 3 tomei a segunda dose da vacina e terminei de editar um livro de poemas. Juntei nele tudo o que escrevi, mais alguns desenhos que pinte, durante um ano de isolamento. Dia 31 de julho senti que encerrei um ciclo em minha vida e iniciei outro em que tenho buscado conjugar e alinhar meus sóis.



O PAE3

O PAE3 teve início no dia do meu aniversário, 02 de agosto (de 2021). Assumi a disciplina obrigatória de 5º período “Metodologia do Ensino de Ciências e Biologia” (que eu não oferecia há alguns anos) e dividi com a Francine “Labi” (ela assumindo a maioria das aulas). A UERJ optou por ter dois calendários concomitantes, um para veteranos e outro para calouros (este um pouco mais curto devido ao adiamento do vestibular). Sendo assim, estou atuando nesses dois calendários distintos. Porém, o maior desafio deste PAE3 não foram as aulas. Ainda em agosto positivei para Covid. Tendo já tomado as duas doses de AstraZeneca tive sintomas leves do ponto de vista físico: dores no corpo, vômito, coriza, dor de garganta, cansaço, perda de olfato e paladar (não recuperados totalmente até hoje) e forte dor de cabeça por três semanas. Com acompanhamento médico e psicológico quase que diário temia a morte. Oxímetro em mãos constantemente. Um luxo eu estar em casa e ainda ter esse suporte. Ansiedade máxima. De acordo com o Boletim Emprego em Pauta (DIEESE, 2021), o número de desligamentos por morte no setor da Educação mais que dobrou (128%) no início de 2021, sendo os profissionais do ensino os que os que mais tiveram vínculos encerrados por óbitos (crescimento de 163%). Temia entrar nas estatísticas. Felizmente, retornei às aulas remotas 20 dias após, ainda fazendo um esforço tremendo de concentração no trabalho de muitas horas em tela.

As interações com os estudantes neste PAE3 seguem reduzidas, ainda que estejamos tendo um bom retorno de uma parte dos licenciandos. No entanto, em reunião de departamento os colegas se queixam da ausência dos estudantes. Tento, sinceramente, contextualizar e compreendê-los. Particularmente, na docência, ressinto-me pela interação reduzida com os professores (caso dos cursos) e com os licenciandos (caso das disciplinas da graduação). Este era um ponto que me afetava bastante no início do ensino remoto. A sombra da solidão da docência se fazia presente, não por estar sozinha ministrando aulas em salas que, de fato, não existem (não há qualquer materialidade naqueles encontros síncronos), mas por sentir cada vez mais os meus alunos distantes. Com o passar do tempo eu compreendi que alguns



deles não tinham câmeras, usavam aparelhos precários ou estavam em algum lugar no qual não era possível falar (dividindo o espaço com alguém, em um transporte coletivo ou no trabalho, por exemplo). Outros estavam completamente desestimulados e estavam ali, no ambiente virtual, não estando realmente. Eu tive que, simplesmente, entender e aceitar. No último caso, estes alunos estão lutando contra a depressão, a ansiedade, a sensação de fracasso por não conseguirem se concentrar, ler, estudar. Eles mesmos estão buscando seus sóis interiores, pilhas para suas lanternas.

As orientações e o grupo de pesquisa

Tenho, atualmente, quatro orientandos em fase de conclusão do curso. Teoricamente deveriam estar escrevendo suas monografias. Um deles foi diagnosticado durante a pandemia como tendo transtorno do déficit de atenção. Outra está convivendo com sua mãe que foi diagnosticada como esquizofrênica. Outro teve que acompanhar o pai no hospital em um procedimento cardiológico e agora se encontra em um quadro depressivo. Outro me deu a notícia de que uma colega, minha ex-aluna, de 23 anos havia falecido (choramos juntos pelo telefone de madrugada), enfrentou uma suspeita de câncer de pele e, agora, conseguiu finalizar sua escrita e defenderá seu trabalho de conclusão de curso. Como cobrar produção deles? Como fazê-los dar sentido ao título de professor(a) de Biologia? Como dizer que é preciso ler e escrever? Eu continuo querendo muito que eles se formem. Mas eu prefiro que, no momento, eles se mantenham vivos e saudáveis. Que não se apaguem. Sinalizei - dentro do meu papel de orientadora - que eles têm prazos e que eu preciso que eles tentem cumprir com eles, por eles mesmos e por mim, já que eu tenho que abrir vagas para novas orientações. Estamos mantendo contato, dentro de nossas possibilidades, e trabalhamos juntos sempre que conseguimos. Tento me manter disponível, tento ser presente. Por eles (e minhas outras quatro orientandas do mestrado, uma de iniciação científica e outra de extensão), eu tive que fazer um post nas redes sociais pedindo que estudantes não me procurassem mais para tirar dúvidas sobre o curso, a vida e seu destino. Sentia-me sobrecarregada com as várias



demandas que foram se acumulando no trabalho (além, obviamente, do trabalho da casa), muitas das quais sequer eram funções minhas. Percebi, portanto, que eu e meus alunos temos limites e que estes estiveram ainda mais encurtados durante o isolamento social. Reconhecer isso foi um alívio. Mulheres-mães-profissionais costumam se cobrar muito. Apesar disso tudo, foram três monografias e três dissertações de mestrado que orientei e foram defendidas durante a pandemia. Um trabalho extremamente desgastante para todos nós.

Paralelamente, mantivemos as reuniões do grupo de pesquisa LIQUENS (Leituras e Investigações sobre Questões de Ensino de Ciências e Sociedade)³. Na verdade, sequer chegamos a parar. Conseguimos nos encontrar remotamente, no ano passado, com frequência semanal e, no PAE2 e PAE3, decidimos espaçar as reuniões que estão sendo quinzenais. Lemos textos, estudamos livros inteiros, vimos filmes, convidamos pesquisadores e seus grupos para conhecer outras linhas, referenciais e metodologias. E conversamos muito. Sobre tudo. Esse espaço tem sido fundamental para trocar, ouvir, desabafar, compartilhar angústias, medos, renovar esperanças (realistas porque trabalhamos com dados). No PAE3 (em setembro e outubro) oferecemos juntos quatro aulas no Curso de Atualização (sua 6ª edição, não transmitida pelo YouTube). Reunimo-nos remotamente com professores da educação básica, em parceria com a Secretaria de Educação de Itaguaí, e tivemos conversas muito enriquecedoras. Certificamos 23 docentes. Termos optado por dar prosseguimento ao grupo e fazê-lo se consolidar nesses últimos meses foi, sem dúvidas, outra excelente decisão coletiva da qual fiz parte. Tem sido outro local/momento em que sinto o calor do meu sol.

Buscando meu sol em meio às sombras

Das atividades individuais que eu exerço a mais difícil, sem dúvidas, tem sido a de escrever. Produzir artigos e capítulos de livros virou um suplício. Eu amo escrever, realmente sinto prazer nisso, mas encontrei obstáculos em minha concentração para sistematizar leituras, traduzi-las em minhas próprias

³ Site do Liguens: <https://liquensuerj.wixsite.com/liquens>.



palavras, a partir dos meus argumentos. Ou seja, raciocinar está sendo penoso, senão doloroso. Houve (há) dias nesta pandemia em que eu não tinha (tenho) vontade, estímulo, força para ser professora ou pesquisadora ou orientadora. Não queria ler, estudar, preparar aula, estar naquele *Meet*. Não via a luz. Em alguns desses dias eu pude me permitir simplesmente não fazer o que eu deveria fazer. Repito: um luxo/direito de quem pode fazer seu horário. Esperava o dia seguinte chegar. Eu tinha medo, por outro lado, de não haver outro dia. Para mim ou para meus alunos. Enfrentar essa sombra foi (está sendo), com certeza, a pior parte de ser professora. Quando eu não tinha escolha, eu ia e fazia do jeito que eu era capaz de fazer. A auto cobrança de um(a) professor(a) geralmente é enorme! Fazer “só” o que dá para alguns de nós quase que significa reconhecer uma derrota. Acontece que dessa vez, além dos inimigos visíveis (como o governo genocida), temos que enfrentar um inimigo invisível. Estar caminhando sobre esta linha tênue entre o possível e o desejável no ensino remoto é um dos maiores desafios que já experimentei como professora.

Eu tive que estabelecer uma nova rotina, um outro compromisso com a educação pública, com o meu modo de ser docente. E por mais estranho que possa soar, não foi lendo ou assistindo *lives* de autores(as) e pesquisadores(as) graduados ou pós-graduados, famosos ou não, que eu consegui dar sentido à minha profissão, à minha existência em si que está entrecruzada a quem eu sou como mulher, como sujeito. Foi ouvindo, vendo, lendo pessoas que eu sequer conhecia - desse novo jeito esquisito de interagir privado de toca-las ou olha-las em seus olhos -, que eu venho ressignificando a docência, o viver. Uma delas é Jacira Roque de Oliveira com quem tenho aprendido sobre meu ciclo, minha conexão com minha própria história, com os outros, com a terra (Figura 2). Com ela aprendi que tenho uma lanterna interna que me alumia. Ela diz: “(...) foi assim que eu descobri que quem ama carrega uma lanterna de tanto que o amor acende o sol da gente. E me senti iluminada pois quem carrega uma lanterna, quem carrega a luz, é o primeiro a receber o lume” (DONA JACIRA, 2021). Parte do meu sol vem do amor pela docência. Esse sol que me ilumina por dentro tem me permitido permanecer firme ou



flexível nos dias sombrios. Com minha lanterna tento, e acredito que nunca em vão, alumiar os horizontes daqueles que com divido a caminhada, colegas de profissão e estudantes. A energia do meu sol vem dos vários sóis que me rodeiam. Não estou sozinha, nunca estive.

Figura 2: Eu, em Penedo, RJ, usando um vestido com estampa do rosto de Dona Jacira (Coleção Laboratório Fantasma), uma de minhas inspirações na pandemia.



Fonte: Arquivo pessoal (2021).

Agradeço a esse lume coletivo e ancestral por ter concluído o texto que cogitei não conseguir finalizar.

Não queria encerrá-lo, entretanto, sem saudar nossos companheiros e nossas companheiras das empresas terceirizadas. Sem dúvidas, os mais vulnerabilizados e sempre os mais afetados pelas políticas de sucateamento dos serviços públicos. Torço para que eles e elas estejam vacinados(as) junto com os demais profissionais da educação. E que possamos nos reencontrar nos corredores da FFP o quanto antes⁴.

Iguaba Grande e Rio de Janeiro, entre 16 de abril e 17 de outubro de 2021.

⁴ No dia de finalização da escrita deste texto ainda não tínhamos estabelecido o calendário acadêmico da UERJ para o ano de 2022. Estimamos que o primeiro período seja de ensino híbrido, seja lá o que isso significará para nossa atividade docente.

Referências

ASDUERJ. **Pesquisa “Trabalho docente na UERJ em tempos de pandemia” - Descrição dos dados**. Rio de Janeiro: Associação dos/das docentes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <http://asduerj.org/v7/wp-content/uploads/2021/02/24fev.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021.

DIEESE. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. **Boletim Emprego em Pauta**, número 21, junho de 2021. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimempregoempauta/2021/boletimEmpregoemPauta21.pdf> Acesso em 17 out. 2021.

DONA JACIRA. Devaneios. Coluna de opinião - Café com Dona Jacira. **ECO A - Por um mundo melhor**. Publicado em 18 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/cafe-com-dona-jacira/2021/04/18/devaneios.htm>. Acesso em 18 abr. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987 [1970].

Sobre a autora

Tatiana Galieta

tatigalieta@gmail.com

Doutora em Educação Científica e Tecnológica. Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências, Ambiente e Sociedade (PPGEAS-UERJ) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Natureza (PPECN-UFF).

